

As Jornadas Projectar Abril são de todos nós

Independentemente de terem lugar em Lisboa, no Porto, em Coimbra e quaisquer outros lugares do País, as Jornadas pressupõem o empenhamento de todos os aderentes e simpatizantes do MAD na reflexão, discussão e divulgação dos temas propostos. AniMADor está aberto aos resultados das reuniões dos vários núcleos em que Projectar Abril seja discutido e problematizado.



PROJECTAR ABRIL E...

As jornadas **PROJECTAR ABRIL** tiveram início, em Lisboa, no passado dia 8.

De manhã, pelas 10 horas, no cinema Quarteto, projectaram-se simultaneamente quatro filmes:

«Brandos Costumes», de Seixas Santos; «Oxalá», de António Pedro Vasconcelos; «Nós por cá todos bem», de Fernando Lopes; «Bom povo Português», de Rui Simões.

Aos filmes seguiu-se um debate entre os realizadores e a assistência.

A sessão da tarde, realizada a partir das dezasseis horas na Voz do Operário, foi apresentada pelo jornalista Fernando Assis Pacheco e contou com intervenções de membros representativos de núcleos profissionais e regionais, que deram testemunho da sua prática (António Cardoso Ferreira, médico, de Paredes de Coura; Luís Santos, empregado de escritório, deficiente das Forças Armadas; José Manuel Rezende, professor na Universidade Nova de Lisboa; Cesário Borga, presidente do Sindicato dos Jornalistas; João Lourenço, operário; um grupo de alunos do Liceu Camões; Augusto Mateus, professor do Instituto de Economia de Lisboa; Teresa Vasconcelos, educadora de infância, de Armindo Cipriano Maurício, cabo-verdiano; Isabel Tavares e Manuela Silva, de Lagos.)

Houve intervenções musicais pelos grupos 'A Tuna d'Água', constituído por alunos da Esc. Sec. António Arroio; 'Cantaril'; 'Cramol', coro feminino de Oeiras; 'La Bataglia', agrupamento de música medieval de Pedro Caldeira Cabral.

Registou-se também a actuação de Francisco Fanhais e das atrizes Eunice Muñoz e Lia Gama.

A jornada foi encerrada após a intervenção de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Transcrevemos hoje algumas das intervenções que tiveram lugar na sessão de *A Voz do Operário*.

Contamos divulgar, no próximo número de AniMADor, parte dos debates com os realizadores, no cinema Quarteto.

Intervenção DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Aqui venho, simplesmente, mais uma voz, entre tantas que aqui ouvimos, a dizer o que sei e como sei, do meu desejo em contribuir para «projectar Abril».

As jornadas «Projectar Abril» que se vão realizar ao longo de um ano, mais do que comemorações de óptica passadista,

mais do que mero recordar de uma data,

mais do que a história dos factos e a sua análise, nesta estranha trajetória nacional, põem-nos perante interrogações — sabemos ainda merecer, enquanto povo, o acontecimento que Abril foi? Sabemos ainda, podemos ainda dar-lhe forma e cor?

— será que este tempo que é o nosso tem ainda no calendário o mês de Abril? Será que é ainda possível encontrar, no mapa do sonho-e-da-realidade, o «país de Abril»?

Durante este mês, cabe a muitos — e a alguns de nós noutros momentos — analisar o passado.

A nós aqui, hoje — e ao longo dos próximos meses, em várias regiões do País — cabe-nos **dizer o futuro**, construir-lhe os fundamentos.

Importa-nos **pegar em Abril e empurrá-lo para diante de nós**,

para onde ainda não conseguimos chegar,

para as distâncias que nos esperam, para o novo que é urgente inventar, instaurar, criar.

Importa-nos que Abril seja não só um passado a lembrar fielmente em cada ano, mas sobretudo **um futuro a descobrir**.

Porque só o futuro explica o passado e historicamente o justifica. Só aquilo em que tomarmos Abril-por-fazer dará razão ao Abril-já-feito.

Porque só o futuro contém o dinamismo que dá força e impulso ao presente.

E que faz desse presente não uma carga mas uma tarefa, não uma resignação mas uma luta, não um compromisso mas uma radical verdade,

não uma cedência mas uma indomável conquista.

É pelo futuro que se pode julgar o passado. É pelo futuro que se pode criar o presente.

E que fique bem claro: o futuro não virá ao som das trombetas.

O futuro não trará algum anjo do céu, «sem corpo e sem rosto», ou alguém que nunca tenha vindo «connosco para a eira sujar os pés». E, claro, já sabemos que o futuro não vai chegar nas manhãs de nevoeiro — pela simples razão de que nessas manhãs de nevoeiro os aviões não aterraram...

Ou a sociedade inteira é capaz de se estruturar em novos moldes para construir o seu futuro ou não há futuro!

Haverá tempo a escoar-se, discursos antigos a degladiarem-se sem nada criarem de novo, continuando/ restaurando/ regressando sempre a um ponto morto, tempo que a si mesmo se atrasa, sociedade que desiste de a si própria se criar.

É a essa lei fundamental do universo físico e biológico que vamos buscar a nossa grande convicção: só cria energia, só se mantém vivo,

o que se renova, se auto-organiza, se torna diferente.

Também na sociedade é essa a gran-

de lei: o futuro é a dimensão da expansão da vida, no seu pulsar quotidiano,

no seu esforço para outra coisa, na sua ânsia actuante por um tempo melhor.

É nesta visão dinâmica e renovadora da sociedade que podemos dizer: «**projectar Abril.**»

Que queremos dizer com estas duas palavras?

«**Projectar**»... dizem assim os dicionários:

— é ter o primeiro pensamento sobre algo ainda informe...

— é levar esse pensamento a tomar forma...

— é desejar/decidir que esse pensamento se converta em acto...

— é ter a intenção de o fazer num futuro não muito distante...

— é planejar o curso da acção...

Não é sonhar, nem tão pouco usar apenas palavras como cortinas de fumo. É percorrer o longo e trabalhoso caminho que vai do pensamento à acção eficaz em todas as suas etapas, sem que nada fique por fazer.

Mas damos logo um conteúdo ao pensamento, uma orientação à acção, quando dizemos: «**projectar Abril.**»

É que dizemos o que vamos projectar: será **Abril.**

E falamos assim de uma realidade nossa, acordamos uns nos outros uma lembrança do coração e dos sentidos,

porque ela vem da nossa experiência dos campos-em-Abril: o verde-água de todos os rebentos, a força em cada galho,

porque ela nos vem do nosso ver e sentir o sol a invadir as ruas da cidade e este súbito acordar de primavera fora dos calendários,

porque nos vem da história tão perto e já tão longe, em que saltaram todas as barreiras e foi tempo de promessa na natureza, na sociedade, na vida do povo que somos e amamos!

Quando dizemos «**projectar-Abril**», podemos começar a responder ao momento presente, partir do que somos para desembocarmos em metas mais amplas, esboçar o quadro em que essas metas se tornem possíveis,

≥ **contribuir para um processo de desenvolvimento de que sejamos autores e não os meros executantes;**

• **tornarmo-nos afinal o país livre** que insistimos obstinadamente em querer ser.

Nesse «**projectar Abril**» **começa a invenção do real.**

Por isso, não se trata hoje de tentar fazer o que há 10 anos não fizemos,

de tentar corrigir, nos mesmos termos, o que fizemos mal,

de defender a todo o custo o que então nos parecia importante e que entretanto os acontecimentos mostraram ser secundário?

Trata-se sim:

de aprender a nossa lição da história, de nomear hoje as grandes questões e problemas concretos que levantam,

de avançar com soluções que há 10 anos não julgávamos possíveis e, com tudo isso,

FAZER OUTRA COISA.

Hoje é de outro ponto das nossas vidas pessoais, de outro momento da história do mundo e do país que podemos «**projectar Abril**».

De um lado, nós próprios: os caminhos que andámos... os afectos que vivemos... os amigos e os entes queridos que perdemos... as vidas novas que à nossa volta brotaram... uma vida, que sendo a mesma, é nova...

Do outro lado, um mundo em que as modificações só podem ser vistas e entendidas perante a grande e espectacular aceleração da história.

• Um mundo que anseia pela paz mas na prática a desconhece: onde rebentaram de novo guerras milenárias (China/Vietnam; Irão/Iraque); onde outras se acenderam envolvendo directamente cerca de 30 países e, indirectamente, nas chamadas «**forças de intervenção**», na venda de armas, quantos mais?

• Um mundo cada vez mais dividido em zonas de influência: um bipolarismo militar absoluto em que nenhum país fica de fora;

• Um mundo que em 74 julgava possível maior justiça na distribuição da riqueza entre as nações e que hoje tenta desesperadamente mecanismos novos para criar, ao menos aqui e além, espaços novos para uma nova ordem económica internacional;

• Um mundo que marca o fim de uma época do crescimento económico como ideologia dominante,

porque, por um lado, surge a exigência maciça do equilíbrio ecológico, e porque, por outro lado, a fonte desse crescimento já não é de tão fácil acesso e deixar de ser inesgotável;

• Um mundo que, em tão breve pe-

ríodo, marca o fim das ideologias, na sua expressão de «**ortodoxias**» bem definidas e rígidas tendo revelado os seus limites e as suas perversões, deixando muitas vezes um vazio preenchido pelo oportunismo ou pelo narcisismo;

• Um mundo em que as ideias novas não conseguiram abarcar a complexidade do real — um mundo órfão de filosofias — Portugal tem também a sua evolução própria nestes 10 anos:

— Apesar dos princípios orientadores da Constituição, obrigando o Estado a manter relações externas diversificadas, para exprimir a nossa posição possível de factor de paz, temos vindo a ser cada vez mais «**aspirados**» pela lógica do bi-polarismo do mundo, perdendo graus de liberdade e, no limite, de soberania.

À mingua de pão, de emprego, de habitação, de justa e equilibrada implantação dos serviços essenciais, a democracia esvazia-se do seu próprio conteúdo. A falta de horizonte para o desenvolvimento limita cada vez mais a democracia política, na própria forma como funcionam e se articulam os órgãos de soberania, o poder judicial e todos os aparelhos de vocação estatal. Como pode haver democracia se os deputados, em vez de representarem o povo que os elegeu, exprimem as orientações dos aparelhos a que pertencem? Como pode a Assembleia da República exercer o seu papel fiscalizador e de representante da soberania popular quando a Assembleia da República e o Governo emanam da mesma fonte que é o poder dos partidos? Como pode o Presidente da República, eleito por sufrágio universal, ter, na vida nacional, a possibilidade de intervenção que um tal sufrágio exige, se não tem meios institucionais e constitucionais para exercer o seu mandato? Como pode o povo viver em segurança se não tiver confiança na total imparcialidade dos tribunais e celeridade dos processos judiciais?

É no mundo bem diferente do mundo de há dez anos.

é num país bem diferente do país de 1974

que queremos e ousamos «**projectar Abril**».

Sabê-lo é cultura. Vivê-lo é cultura. Experimentá-lo é cultura. Daí o significado do modo como iniciamos estas Jornadas.



Tenho dito e demonstrado em muitos países, diante dos públicos mais diversos, que se o 25 de Abril foi, na sua expressão estritamente militar, um golpe de Estado, tornou-se imediatamente, na multiplicidade e na intencionalidade da sua expressão popular, **um acto cultural**.

Acto cultural
porque um povo ganha voz,
porque passa a ter os meios de forjar o seu destino,
de construir a sua história.

«Projectar Abril», aqui, hoje, ao longo deste domingo, **quis ir buscar essa linha fundadora** de acto cultural que tem sido posto aqui em vida, em voz, em música, em movimento.

E isto não só porque se disse a poesia que vai na alma do povo, porque se cantou o que se canta pelo país fora, porque se disse a vida, na sua tragédia e na sua canção.

Mas também porque no que se disse está um grande **desígnio cultural: o projecto da sociedade faz-se hoje a partir de mil pequenos projectos e experiências,**

do que é concreto e viável,
projectos que nascem da generosidade e da competência de cada um e que se entrelaçam,
se completam,
mutuamente se reforçam.

São esses projectos — numa escola, numa empresa, numa cidade — que fazem a sociedade nova.

Projecto cultural onde se exprime que a sociedade que desejamos construir assenta em ideias e em valores, nasce de convicções profundas e exprime a felicidade do coração de cada um.

É cultura do que traduz, na nossa convivência humana, os valores espirituais e morais

que nos fundamentam a nós próprios,

que nos ligam aos outros,
à natureza,
à sociedade.

Esse humanismo, essa apreciação do que de mais nobre há no homem tem, para nós, um sentido claro:

trazer à superfície, para além de todos os bloqueios, o que em cada pessoa existe de criador e de dinâmico, capaz de iniciativa, lançando a sua pedra, fazendo bem a sua própria tarefa, tendo

como horizonte as grandes metas da sociedade em que essa tarefa ganha sentido.

Fazê-lo na nossa vida pessoal, estimulá-lo nas nossas relações sociais, de família, de trabalho, é afirmar a mais importante **opção política** que um povo pode fazer no nosso tempo:

valorizar plenamente os recursos humanos que existem nos seus membros, dar-lhes forma, corpo e voz.

«Projectar Abril» está, pois, para nós, para além das divisões artificiais que separam homens de outros homens.

Estamos aqui, a pôr na história destas comemorações um acto cultural colectivo para dizer que é possível outra maneira de **estruturarmos a nossa vida em sociedade e de fazermos funcionar as instituições na sociedade.**

Acto cultural colectivo porque é a partir de nós todos que Abril se pode projectar.

Basta-nos, por isso, pôr mãos à obra, sabendo que no mundo outros povos se debatem com problemas idênticos e que com eles somos profundamente solidários, cidadãos de uma vasta rede planetária.

Estamos aqui para dizer que «projectar Abril» é a maneira que temos hoje de sermos conscientemente, honradamente portugueses.

Ao agarrarmos nas mãos o nosso destino colectivo, queremos exprimir, de forma nova, o gosto de ser portugueses.